



O pecuarista Renato Sampaio investiu na plantação de milho e de cana-de-açúcar para alimentar o gado e conseguiu ampliar a produção de leite

SECA FAZ SURGIR UMA NOVA AGROPECUÁRIA

Iniciativas minimizam o impacto da degradação no Estado

▄ PATRIK CAMPOREZ
pmacao@redgazeta.com.br

Solo degradado, capim seco, gado magro ou morto no pasto. O cenário assustador, registrado no Noroeste, Norte e Extremo Norte do Espírito Santo, foi resultado da maior seca enfrentada pela agropecuária capixaba nas últimas décadas. Os prejuízos ainda estão sendo contabilizados, mas já se sabe que em 2016 a queda na produção de leite foi de 40% – cerca de 10 milhões de litros a menos. E milhares de animais morreram no pasto.

Entre os pecuaristas, uma certeza: a pecuária, assim como os demais segmentos do agronegócio, precisa se reinventar para não sofrer novos colapsos hídricos. Em Montanha, no Extremo Norte do Estado, Renato Sampaio, 32, vinha se preparando antes mesmo da seca. Enquanto a maioria investia em modernos currais, ele e sua família se dedicavam à produção de silagem a partir do plantio de milho e de ca-

na-de-açúcar. O resultado foi a conquista da alta produtividade. São 2,5 mil litros de leite por dia, volume quase impensável para uma propriedade de pequeno porte.

Para produzir a silagem, a família substituiu parte da pastagem por plantações de milho (9 hectares) e cana (4 hectares). “Depois que o modelo foi adotado, a produtividade subiu para 19 litros de leite por hectare, 13 a mais que a média estadual de 6 litros”, comemora Renato.

DESMATAMENTO

O Norte do Espírito Santo sofreu, principalmente a partir da década de 1950, um processo acelerado de desmatamento. Hoje resta menos de 10% da floresta original. Para minimizar o impacto da devastação, o Incaper pretende atingir pelo menos 20% de cobertura florestal no Estado, nos próximos anos, índice preconizado pela legislação federal.



Nova agenda

Secretário de Estado de Agricultura, Octaciano Neto defende modelo de produção agrícola conectado a iniciativas de proteção ambiental.

Para o zootecnista do Instituto, Lázaro Samir Abrantes, uma das principais lições da seca é que os produtores passaram a planejar melhor a reserva alimentar dos animais. “Antigamente a reserva era para três ou

quatro meses. Agora já se pensa em sete ou oito meses”, alerta. Outra medida é a adoção de pastoreio rotacionado, além de estudos nas áreas montanhosas para a implantação dos chamados terraços – que evi-

tam erosão, deslocamento de terra e o consequente assoreamento dos rios. “O produtor está sofrendo demais por causa da seca e dos preços baixos pagos pelo leite. O custo de produção está alto e a margem de ganho diminuiu bastante. É uma boa hora para se repensar as práticas”, diz Lázaro.

Para o secretário de Estado da Agricultura, Octaciano Neto, a reinvenção da agropecuária passa, necessariamente, pela preservação das nascentes e replantio de matas ciliares, além da adoção de técnicas diferenciadas de utilização da pastagem. “As agendas ambientais e de produção precisam convergir. Temos que ampliar a cobertura florestal, proteger nascentes e construir barragens e, ao mesmo tempo, investir em inovação”.

As propostas do secretário vão ao encontro de um estudo do Centro de Desenvolvimento do Agronegócio (Cedagro), que mostra que o Estado tem 393 mil hectares

de solo degradado, o que equivale a 16,65% da área agrícola total. A degradação concentra-se nas atividades de pastagem, especialmente na região Norte, devido à fragilidade dos solos e elevada erosividade das chuvas provocada pela baixa cobertura vegetal. Do total da área degradada, 238 mil hectares correspondem a terrenos cultivados com pastagens.

A degradação ocorre principalmente em função da compactação do solo e do manejo inadequado no que diz respeito à alta taxa de lotação, com excessivo pastejo e pisoteio pelo gado. Confira na página ao lado imagens feitas em novembro, durante um sobrevoo da equipe de A GAZETA pelo Estado.

VEJA NA WEB

www.gazetaonline.com.br



CONTEÚDO EXTRA
Confira galeria de imagens e vídeos com entrevistas acessando o site.

FOTOS: PATRIK CAMPOREZ



FLASH



Gado confinado

Devido à estiagem dos últimos anos, a alternativa encontrada por muitos pecuaristas foi confinar o gado, já que a pastagem ficou seca. Na foto, uma fazenda na zona rural de Pedro Canário onde cerca de 5 mil animais passaram a ser alimentados com milho importado da Argentina.



FLASH



A palavra de ordem é guardar

O governo tem construído barragens ao longo do Estado, como esta em Marilândia.



FLASH



Alternativa para as lavouras

Reservatório para onde a água é bombeada no topo de morro, em Colatina.



FLASH



Solo infértil

O uso irregular do solo provoca erosão e muda a paisagem no Norte do Estado.



FLASH



Sertão capixaba

Em Montanha, muitos de animais morreram de fome e cede no pasto.



FLASH



Uso intensivo de água

Pivôs centrais dominam a paisagem e secam rios em Pedro Canário.



FLASH



Pobreza no campo

Ocupação onde centenas de famílias vivem em pequenos barracos no interior de Conceição da Barra. A desertificação traz consigo diversos problemas sociais para a região Norte do Estado.



FLASH



Só sobrou a cana

A cana-de-açúcar tornou-se um alternativa para alimentar o gado em tempo de crise hídrica. O alimento mantém os animais vivos mas custa caro para os pecuaristas.